

REPORTAGEM

Após 2 anos de Inquérito

# PF DEIXA ESCAPAR O PRINCIPAL SUSPEITO DA CHACINA DOS JUMA

Depois de uma longa entrevista com o Delegado Regional da FUNAI, Kazuto Kavamoto e com o Delegado Getúlio, da Polícia Federal, o Porantim constatou que o principal suspeito pela chacina dos Juma, o comerciante e atual suplente de juiz em Lábrea (AM), Tanto a FUNAI quanto a Polícia Federal alegam que não ouviram nem os próprios Juma porque não sabem como e onde encontrá-los.

O inquérito de nº 056, que ora se encontra praticamente parado foi instaurado a pedido de FUNAI, para apurar os responsáveis pelo massacre de aproximadamente 40 índios Juma - também conhecidos por Borahá - assassinados em 1964, no município de Tapauá (AM), com Base em denúncias do Porantim nº5, de outubro de 1978.

A verdade é que nenhuma das pessoas ouvidas até agora isenta o comerciante e atual suplente de juiz Orlando França - apontado como provável mandante da Chacina dos Juma. A Polícia Federal por sua vez até agora não procurou ouvi-lo. Explica o Delegado Getúlio que o sr. Orlando França deve ser o último a ser inquerido, quando a polícia estiver com todas as provas. Mas, isto já foi dito há 9 meses atrás o que não faz lembrar o canção popular: "Mas, quando será"?

até a fazenda do sr. Pedro Leite. Daí até o campo do Summer, onde se situa a grande maloca, são 5 horas, atravessando terra firme com muitas estradas de seringueiras e castanhas. Encontramos os índios 3 horas de viagem numa nova maloca, ao lado de um pequeno igarapé de areia branca".

Acredita-se também que haja outros grupos dos Juma espalhados pela Região, pois, faz pouco tempo, índios nus apareceram em Canutama - Município do Amazonas - pedindo comida. Calcula-se que nem todos foram mortos pelos jagunços dos comerciantes.

**FUNAI Ajuda PF**

**O SPI JÁ SABIA**

No prolongamento da entrevista, que se deu no gabinete do Delegado Regional da FUNAI, em Manaus, perguntamos se as vítimas já tinham sido ouvidas ou seja, se a PF já tinha escutado os descendentes dos JUMA. Para o nosso espanto, tanto o Delegado da PF quanto a FUNAI ignoravam a situação atual desse povo. E nos perguntaram: Como e onde encontrá-los?

Assim é demais! Passados dois anos nem sequer localizaram os Juma e o pior de tudo é que o Delegado Regional da FUNAI faz questão de dizer que está colaborando com a PF;

**Roteiro de localização**

Os Juma, hoje reduzidos apenas a 9 pessoas, encontram-se comprimidos numa área que o fazendeiro Pedro Leite, com casa em Porto Velho, alega ser sua. Estas terras habitadas pelos Juma ficam à margem do Igarapé Joari, afluente do rio Açuá que é por sua vez afluente do rio Mucuí.

Transcrevemos também aqui trecho do relatório do agente do CIMI que esteve recentemente na área e ao mesmo tempo procuramos responder aos Delegados da PF e da FUNAI, mostrando como é possível chegar até os descendentes dos Juma.

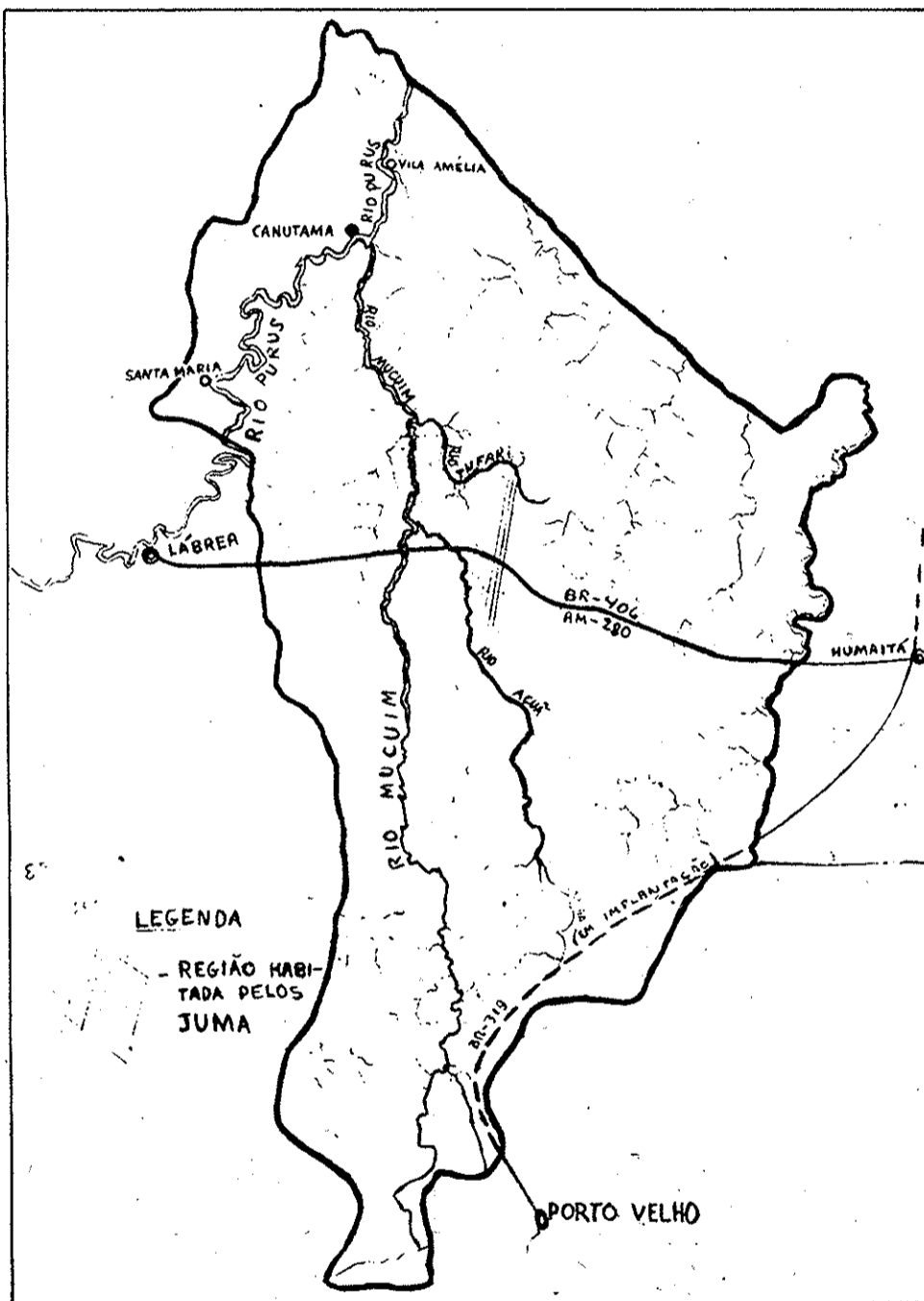
"Viajamos 100 Km de carro na Transamazônica BR 230 de Lábrea até a balsa do rio Açuá. De lá descemos o rio 1 hora e meia de canoa

Entre os Juma, vive há mais de 15 anos, um velho missionário do Summer, Dr. Arnaldo, que iniciou seu trabalho quando esse povo habitava no Trufari. Arnaldo assistiu o massacre dos índios de perto, denunciando o fato ao antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Depois da chacina procurou em toda a extensão do rio Mucuí os sobreviventes, até encontrar este pequeno grupo na cabeceira do Trufari. Conseguiu trazê-los para o Igarapé Joari longe das perseguições, onde se propôs a dar assistência a esse povo. Construiu um campo de pouso, formou um grande pomar e medicou os índios doentes. Os Juma, sobreviventes da chacina, por sua vez, abriram um grande roçado e construíram sua maloca perto do campo de pouso.

**Lembrança viva**

Entrevistado pelos Agentes do CIMI na Área, Arnaldo, que fala muito bem a língua dos Juma, disse que ainda não conseguiu pesquisar a respeito da história dos índios porque os Juma trazem na memória a lembrança viva dos seus mortos, por isso eles não conseguem falar.

Quando começam poém-se a chorar. Uma vez mais exigimos que o inquérito continue e que seja ouvido o principal responsável, o comerciante Orlando França.



Nem o delegado da FUNAI, nem a Polícia Federal sabem onde encontrar os Juma. Eles estão aqui.

**PF sem Meios**

Vejam só! O Delegado Getúlio, atualmente encarregado pelo encaminhamento do processo, diz que "está encontrando muitas dificuldades em localizar todos os implicados". Admite que houve o crime, mas diz que não se pode ainda provar se foi com intenção de extermínio. A FUNAI, por sua vez, declara que a PF não tem meios para se deslocar até a área da chacina - apresentando desta feita uma série de entraves, como a seca, a falta de aeroporto e outros empecilhos mais. Quando se trata de posseiros, como no caso de Brasília, a PF vai até o cafunó dos Judas, mas no caso de assassino de índios, prote-la até sabe lá quando.

**Mas Quando Será?**

Das 12 pessoas ouvidas pela Polícia Federal, apenas o sr. Raimundo Craveiro foi identificado oficialmente como criminoso, podendo pegar de 12 a 30 anos de cadeia pelo crime "feito sob pressão". Também compareceu à PF o prefeito de Tapauá, Daniel Albuquerque, um dos principais suspeitos trazendo consigo uma carta do linguista do Summer Institut of Linguistics (SIL), Wilbur Norman Pickering, isentando-o do massacre.

## Orlando França ataca de novo

Nas ruas de Tapauá (AM) até hoje falam com tristeza da "chacina dos Juma" ocorrido em 1964, onde quase todos são unânimes em afirmar que o mandante do crime é o grande comerciante Orlando França. Hoje, exercendo a função de suplente de Juiz, em Lábrea, município do Amazonas.

Impune e com todas as regalias da "justiça", Orlando França voltou a atacar mais uma vez os povos indígenas dessa vez partiu para os Apurinã do Caitetu, em Lábrea, tentando aliciar os líderes Agostinho e Edivar, visto que, segundo ele, os Apurinã estão roubando as terras do pessoal.

Agostinho, tuxaua dos Apurinã, não deixou por menos, falou cara

cara com o inimigo dos povos indígenas, dizendo firme "nós temos direito a esta terra porque os primeiros moradores eram os índios, aonde nascemos e tamos vivendo, nós somos a raiz da terra. Não é como vocês que vêm de fora tomando a nossa terrinha não, nós sempre tivemos aqui e aqui vamos viver".

Mas, até quando os Apurinã vão viver? Visto que o senhor Orlando França encontra-se às soltas, e o pior de tudo, exercendo função tão importante para a comunidade. Que justiça é essa, que relaciona em seus quadros pessoas tão recomendáveis? É preciso, uma vez por todas, que se faça valer a justiça para os injusticados.